
Diagrama de Santos: um modelo de distinção entre o adjunto adnominal e o adjunto adverbial

André Luis Bento dos Santos

Colégio Militar do Recife, Recife, PE.

Resumo

Este trabalho de divulgação tem como objetivo trazer a público o Diagrama de Santos, modelo gráfico criado por este autor para distinção das funções sintáticas de adjunto adnominal e adjunto adverbial. Valendo-se da morfossintaxe e da semiótica, este diagrama permite a apreensão das relações estabelecidas entre as palavras sem a necessidade de decorá-las em listas, as quais nem sempre se mostram operacionais na classificação de uma palavra e, por conseguinte, de sua função sintática, num caso concreto.

Palavras-chave: morfossintaxe, semiótica, adjunto adnominal, adjunto adverbial.

Abstract

This outreach work aims to come out into open Santos' Diagram, a graphical model created by the author himself to distinguish the syntactic functions of adnominal and adverbial adjunct. Applying both morphosyntax and semiotics, this diagram allows the seizure of the relationship among words without the need to memorize them on lists, which do not always show themselves operating in the classification of a word and hence their syntactic function in a particular case.

Keywords: morphosyntax, semiotics, adnominal adjunct, the adjunct.

1. Introdução

Ao lecionar Sintaxe para o 8º ano do Colégio Militar do Recife, percebemos, de pronto, a dificuldade dos alunos em relacionar as funções sintáticas às classes morfológicas, cujos nomes lhe servem de núcleo. Como observa Santos (2010, p. 89-90), mesmo com os avanços tecnológicos mais recentes, mesmo a influência das modernas tendências pedagógicas e com as descobertas psicopedagógicas contemporâneas, a prática de ensino da língua portuguesa baseia-se em modelos metodológicos culturalmente domesticadores, internalizados pelos professores, quando foram alunos. Esta observação poderia ser assim

reformulada: mesmo com os avanços da Linguística, e neste estudo em especial da semiótica, um dos principais problemas no ensino da língua portuguesa reside no desequilíbrio entre o método prescritivo e o descritivo. Segundo Halliday et al (1974, p. 257), a linguagem, definida pela linguística descritiva, é uma atividade social, padronizada dos seres humanos, que manifesta padrões de substância (fônicos, e ao menos potencialmente, gráficos), forma (gramática e léxico) e contexto. Indo para além do método prescritivo de ensino, sem negar-lhe a sua parcela de valor, nossa opção privilegia um modelo descritivo da língua, na medida em que interessa descrever como a língua funciona. Como

alternativa, idealizamos um modelo semiótico, cuja descrição mostrou-se eficaz como recurso facilitador da apreciação conjunta da classificação morfológica e da função sintática, sem a necessidade de decorar listas de palavras, as quais nem sempre se mostram operacionais. Como semiótica, adotamos o conceito apresentado por Coelho Netto (2010, p.34):

Semiótica: hierarquia cujos componentes, todos, admitem uma análise em classes definidas por relações mútuas, de modo que qualquer dessas classes por sua vez admite uma análise em outros derivados.

Ao modelo gráfico, cuja construção se descreve após uma revisão de literatura, demos o nome de Diagrama de Santos.

2. Revisão de Literatura

O professor Bechara (2003), de acordo com os significados léxico, categorial e instrumental, apresenta as palavras divididas em lexemáticas (substantivo, adjetivo, verbo e advérbio), categoremáticas (pronome e numeral) e morfemáticas (artigo, preposição e conjunção). Soma à lista das classes de palavras a interjeição, entendida como palavra-oração, capaz de equivaler a um conteúdo de pensamento da linguagem emocional.

Pasquale (2003, p. 14) explica que classificação morfológica de uma palavra só pode ser feita eficientemente se for observada sua função nas orações. Esse fato demonstra a profunda interligação entre a morfologia e a sintaxe e é por isso que se tem preferido falar atualmente em morfossintaxe.

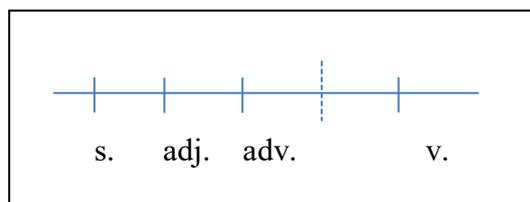
No estudo das relações morfossintáticas, interessam, em princípio, as palavras lexemáticas, porque manifestam a configuração semântica do léxico. Ou, nas palavras de Abaurre (2004, p. 170), porque possuem referentes extralinguísticos da realidade objetiva ou subjetiva. Com relação às palavras categoremáticas, os pronomes e os numerais, cumpre observar que as mesmas, por guardarem significado categorial, estarão aptas a exercerem papel de substantivos ou adjetivos. Já, das palavras morfemáticas, interessa o caso

específico do artigo, por exercer papel adjetivo na relação com as palavras a que refere. Como as conjunções e as preposições não exercem função sintática, as mesmas não constituem objeto de descrição neste estudo, a não ser subsidiariamente, como transpositores de função sintática. Da mesma forma, foge ao nosso interesse a interjeição. Portanto, para nossa descrição, adotaremos o lexema verbal, sem o qual não há oração, e os lexemas nominais, que vão constituir o núcleo das funções sintáticas, que por isso ora serão subjetivas, adjetivas ou adverbiais.

3. Descrição do Diagrama de Santos

Adotando um modelo simples, podemos assim representar graficamente o plano das palavras lexemáticas:

Figura 1. plano das palavras lexemáticas.



A leitura do grafo é a seguinte:

- 1) a linha horizontal representa o plano das palavras lexemáticas;
- 2) os traços verticais representam as palavras lexemáticas (substantivo, adjetivo, advérbio e verbo);
- 3) a linha vertical tracejada separa os lexemas nominais dos verbais.

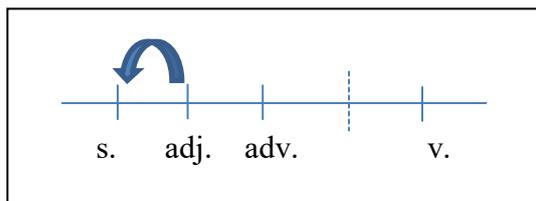
Nota: o digrama não representa a ordem das palavras na oração, haja vista a mobilidade das mesmas, especialmente a do advérbio.

3.1 Descrição do adjunto adnominal

Pasquale (2003, p. 386) ensina que o adjunto adnominal é uma função adjetiva que caracteriza um substantivo sem a intermediação de um verbo.

Valendo-se de uma seta em curva que parte do adjetivo para o substantivo, podemos assim representar graficamente o adjunto adnominal:

Figura 2: adjunto adnominal em referência a um substantivo.



Vejamos um exemplo fornecido por Almeida (2003, p. 276), aplicando o diagrama:



Da aplicação do diagrama, observamos que a expressão “com cautela” (termo sublinhado) exerce uma função adjetiva, classificando-se, no caso concreto, como adjunto adnominal, porque caracteriza o substantivo “procedimento” sem a intermediação de um verbo.

Pasquale (2003, p. 386) esclarece que, sob a ótica da morfossintaxe, pode-se dizer que o adjunto adnominal é uma função adjetiva da oração, sendo, portanto, desempenhada por adjetivos, locuções adjetivas, artigos, pronomes adjetivos e numerais adjetivos, e dá como exemplo a seguinte oração, na qual aplicaremos nosso diagrama de setas:



Pasquale (2003, p. 387) explica que, nessa oração, a palavra “experiência”, que funciona como núcleo substantivo do sujeito, é caracterizada, respectivamente, por um artigo, um pronome adjetivo, um numeral adjetivo e um adjetivo propriamente dito, exercendo esses termos, portanto, a função de adjuntos adnominais.

A primeira conclusão extraída da descrição do diagrama e da análise dos dois exemplos é que, independente da classificação primeira de uma palavra como pronome, numeral ou artigo, ela sempre exercerá uma função ou substantiva ou

adjetiva ou adverbial, caso este que veremos mais adiante, o que evidencia a representatividade do diagrama.

Isso é mais verdade se observarmos que esse entendimento abre portas para que o aluno possa compreender com mais facilidade as orações subordinadas.

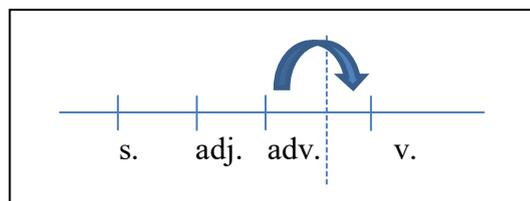
A classificação das orações subordinadas decorre da combinação da função sintática que exercem com a classe de palavras que representam, ou seja, é a morfossintaxe que determina a classificação de cada oração subordinada. São subordinadas substantivas as que exercem funções substantivas (sujeito, objeto direto e indireto, complemento nominal, aposto, predicativo), são subordinadas adjetivas as que exercem funções adjetivas (atuam como adjuntos adnominais), são subordinadas adverbiais as que exercem funções adverbiais (atuam como adjuntos adverbiais, expressando as mais variadas circunstâncias).

3.2 Descrição do adjunto adverbial modificador

Bechara (2003, p. 287) explica que o advérbio é a expressão modificadora que por si só denota uma circunstância e desempenha na oração a função de adjunto adverbial.

Pasquale (2003, p. 383) ensina que o adjunto adverbial é essencialmente um modificador do verbo, cujo papel básico é indicar as circunstâncias em que se desenvolve o processo verbal. Assim, valendo-se de uma seta em curva que parte do advérbio para o verbo, podemos assim representar graficamente o adjunto adverbial:

Figura 3: adjunto adverbial em referência a um verbo.



Vejamos um exemplo, também fornecido por Almeida (2003, p. 275), utilizando a mesma expressão sublinhada no exemplo anterior, “com cautela”, aplicando o diagrama:



Um bom profissional sempre procede com cautela.

Da análise do diagrama, observamos que só é possível chegar à conclusão de que se trata de um adjunto adverbial, porque o termo sublinhado modifica um verbo.

Neste momento da descrição, chamamos a atenção novamente para o fato de que o digrama não representa a ordem das palavras na oração, mas a relação que as palavras estabelecem entre si. Portanto, não interessa a direção da seta para esquerda ou direita, mas, sim, de qual termo parte a seta e para qual termo se dirige, num caso concreto.

A seguir, apresentamos uma série de exemplos, sempre com a mesma palavra, ou expressão, ora funcionando com adjunto adnominal ora como adjunto adverbial, todos extraídos de Almeida (2003, p. 286-7):

ADJUNTO ADNOMINAL	ADJUNTO ADVERBIAL
<i>Muitos animais da floresta são perigosos.</i>	<i>Estes belos animais vieram da floresta.</i>
<i>Ele é um narciso às avessas.</i>	<i>Ele sempre agiu às avessas.</i>
<i>Uma investigação em sigilo desvendou alguns mistérios.</i>	<i>Investigaram em sigilo os escândalos de alguns políticos.</i>
<i>Passeios de manhã fazem bem à saúde.</i>	<i>É saudável caminhar de manhã.</i>
<i>Manobras com cautela são mais seguras.</i>	<i>Devemos dirigir com cautela.</i>

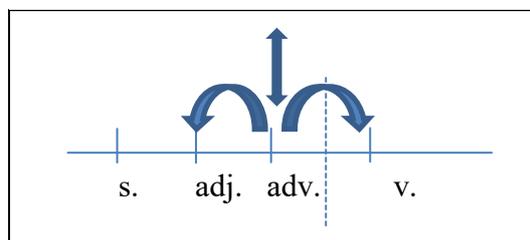
Uma segunda conclusão extraída da descrição dos exemplos até aqui analisados e da distinção entre adjunto adnominal e adjunto adverbial é que é um equívoco decorar listas de palavras, as quais nem sempre se mostram operacionais na classificação de uma palavra e, por conseguinte, de sua função.

3.3 Descrição do adjunto adverbial intensificador

Além do papel de modificador de um verbo, Pasquale (2003, p. 383) acrescenta que o adjunto adverbial pode atuar como **intensificador** de um

verbo, um adjetivo ou um advérbio. Assim, valendo-se de setas em curva que partem do advérbio para o verbo e o adjetivo, e de uma seta dupla que parte do advérbio para o advérbio, podemos assim representar graficamente o adjunto adverbial:

Figura 4: adjunto adverbial intensificador.



Exemplos (Almeida, 2003, p. 287):



A população sofre muito com as enchentes.

Da aplicação do diagrama, observamos que a palavra “muito” é adjunto adverbial, porque intensifica um verbo.

Vejamos mais um exemplo de Almeida (2003, p. 276), agora de adjunto adverbial em referência a um adjetivo:



Aquele aluno é muito esforçado.

Da aplicação do diagrama, observamos que se trata de um adjunto adverbial, porque o termo sublinhado intensifica um adjetivo.

Outro exemplo, agora de adjunto adverbial em referência a um advérbio (Almeida, p. 276):



Aquela atriz trabalha muito bem.

Da aplicação do diagrama, observamos que se trata de um adjunto adverbial, porque o termo sublinhado intensifica um advérbio.

Agora, compare este exemplo aos três anteriores:



As enchentes causam muito prejuízo à população.

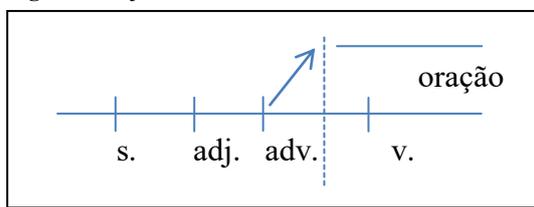
Se, nos três exemplos anteriores, a mesma palavra, “muito”, exerce a função de adjunto adverbial intensificador; neste último exemplo, a palavra “muito” exerce a função de adjunto adnominal, porque se refere a um substantivo.

3.4 Descrição do adjunto adverbial modalizador

Bechara acrescenta (2003, p. 288) explica que o advérbio deste tipo exprime um juízo pessoal do enunciador, papel que Ingedore Koch (2007, p. 98) reconhece como **modalizador**, cuja função seria direcionar a orientação argumentativa, segundo uma dada perspectiva.

Nesse caso, a leitura do modelo passa a contar com uma segunda linha horizontal que representa o plano das orações, para qual o advérbio, como modalizador, aponta.

Figura 5: adjunto adverbial modalizador.



Vejamus este exemplo, adaptado de Bechara (2003, p. 45):

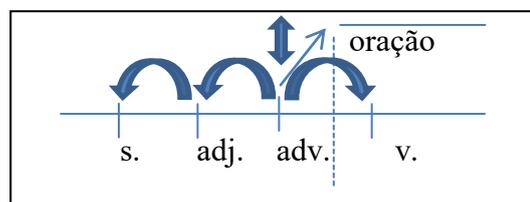


Da aplicação do diagrama, observamos que a palavra sublinhada, diferentemente do que poderia ser decorado, não se trata de adjunto adnominal, porque não exerce função adjetiva de caracterizar um substantivo, mas se trata de um adjunto adverbial, porque o termo sublinhado modaliza uma declaração inteira.

Mattoso Câmara (citado por Bechara, 2003, p. 288) reconhece que perturba a descrição e demarcação classificatória “a extrema mobilidade semântica e funcional que caracteriza os advérbios”. Isso é mais verdade se considerarmos que “o advérbio é constituído por palavra de natureza nominal ou pronominal”. (Bechara, 2003, p. 287)

A terceira conclusão obtida da comparação acima corrobora que a classificação eficaz de uma palavra deve ser feita a partir de seu efetivo emprego na frase.

Figura 6: adjunto adverbial modalizador.



3.4 Síntese do diagrama de Santos

Em síntese, a leitura do diagrama é a seguinte:

- 1) do substantivo e do verbo não partem setas, pois funcionam, respectivamente, como núcleo-base das funções substantivas e núcleo do predicado verbal;
- 2) as setas que partem do adjetivo para o substantivo representam a função adjetiva de “adjunto adnominal”;
- 3) as setas que partem do advérbio para o verbo, o adjetivo, o advérbio e a oração representam a função advérbio de “adjunto adverbial”.

4. Considerações finais

A respeito do ensino de língua portuguesa, é provável que muitos educadores desejem uma mudança de destaque que se afaste do ensino prescritivo, desde que haja algo mais útil para colocar em seu lugar (Santos, 2010, p. 87). Concordamos com Halliday et al (1974), quando sugerem que o ensino descritivo e produtivo poderiam ocupar esse lugar. Neste sentido, o diagrama que ora divulgamos representa um modelo de análise morfossintática, o que não impossibilita que outros diagramas possam ser construídos, preenchendo as lacunas abertas por este. O modelo que ora propomos já terá cumprido sua missão se conseguir fazer ver aos alunos que a classificação eficaz de uma palavra deve ser feita a partir de seu efetivo emprego na frase. Assim é que,

em frases diferentes, uma mesma palavra, ou uma mesma expressão, pode desempenhar funções distintas de acordo com as relações estabelecidas com as outras palavras. Conforme demonstrado, este jogo permutativo de relações entre as palavras revela ser, de fato, mais operacional que a memorização de listas de palavras, as quais nem sempre se mostram eficazes.

Referências

ABAURRE, Maria Luiza. **Português: língua, literatura, produção de texto: volume único**. São Paulo: Moderna, 2004.

ALMEIDA, Nílson Teixeira de. **Gramática da língua portuguesa para concursos, vestibulares, ENEM, colégios técnicos e militares**. São Paulo: Saraiva, 2003.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

CIPRO NETO, Pasquale & INFANTE, Ulisses. **Gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Scipione, 2003.

COELHO NETTO, J. Teixeira. **Semiótica, informação e comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

HALLIDAY, M. A. K. et al. **As ciências linguísticas e o ensino de línguas**. Petrópolis: Vozes, 1974.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 2007.

SANTOS, André Luis Bento dos Santos. **O jogo enquanto elemento de apoio pedagógico no ensino/aprendizado da língua materna**. In: CULTURA GARANÇA, Revista Científica do Colégio Militar do Recife. Recife, Ano VII, n. 7, p. 84-91, out./2010